

## O espaço escolar é nosso: transgeneridades discentes e docentes

Docimar de Jesus Felisbino<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0001-7230-5642>

Eduardo Di Deus<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-9523-8844>

### Resumo

A abordagem educacional de Paulo Freire, conhecida como Pedagogia do Oprimido, teve impacto significativo na educação brasileira. Ao adaptar essa teoria para atender às necessidades das pessoas trans-travestis, podemos promover mudança na sociedade, incorporando todas as diversidades em um movimento interseccional que abrange as diversas experiências. Isso se dá através da implementação dessas práticas dentro das salas de aula. O propósito deste trabalho é apresentar abordagens educacionais que possam integrar a comunidade trans, a fim de incentivar gestões escolares e docentes a adotarem práticas pedagógicas inclusivas. O estudo foi conduzido através de entrevistas realizadas com quatro egressas de escolas, um professor e três professoras trans-travestis, que vivem e trabalham tanto na região do entorno sul do Distrito Federal quanto no DF. A abordagem freiriana destacada enfatiza a importância de profissionais da educação repensarem suas práticas, a fim de obterem recursos e saberes necessários para formar indivíduos libertos e libertadores.

**Palavras-chave:** Trans-travestis; Pedagogia do Oprimido; Paulo Freire; Educação Libertadora.

### Abstract

Paulo Freire's educational approach, known as Pedagogy of the Oppressed, had a significant impact on Brazilian education. By adapting this theory to meet the needs of trans-transvestite people, we can promote change in society, incorporating all diversities in an intersectional movement that encompasses diverse experiences. This happens through the implementation of these practices within classrooms. The purpose of this work is to present educational approaches that can integrate the trans community, in order to encourage managers and educators to adopt inclusive pedagogical practices. The study was conducted through interviews with four school graduates, one teacher and three trans-transvestite teachers, who live and work both in the southern region of the Federal District and in the Federal District. The highlighted Freirean approach emphasizes the importance of education professionals rethinking their practices, in order to obtain the resources and knowledge necessary to form liberated and liberating individuals.

**Keywords:** Trans-transvestites; Pedagogy of the Oppressed; Paulo Freire; Liberating Education.

Citação: FELISBINO, Docimar de Jesus; DI DEUS, Eduardo. O espaço escolar é nosso: transgeneridades discentes e docentes. **Revista Estudos Aplicados em Educação**, v. 9, e20249545, 2024. DOI <https://doi.org/10.13037/reae.vol9.e20249545>

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Brasília/DF. Distrito Federal – Brasil. E-mail: docimardjf@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, Brasília/DF. Professor Adjunto da Universidade de Brasília. Distrito Federal – Brasil. E-mail: eduardodideus@unb.br



## **1 Introdução**

A pesquisa requer examinar a visão libertadora de Paulo Freire, no contexto trans-travesti. Nesta abordagem, a investigação se firmou nas vivências de pessoas entrevistadas com base na perspectiva de libertação promovida por Freire. A partir dessas vivências, os conteúdos são contextualizados e as experiências das estudantes são incorporadas, antes de serem aplicados efetivamente na sala de aula.

Este artigo aborda a história de um grupo de pessoas trans-travestis docentes e egressas da escola que foram entrevistadas ao longo do final do primeiro e início do segundo semestre de 2023. Para isso, farei um breve resumo do histórico de cada participante, para que possam ser identificadas e identificado ao longo do texto.

Foram entrevistadas quatro pessoas trans-travestis egressas de escolas. Todas residem em Valparaíso de Goiás, cidade goiana que fica na região metropolitana do entorno sul do Distrito Federal. As egressas da escola entrevistadas foram: Camila Carvalho, Danielle Caldas, Emily Martinelly e Érika Ruffeil. Além das ex-estudantes, foram consultadas três professoras e ainda um professor, habitantes de diferentes regiões administrativas do Distrito Federal: professora Jade, professora Érica, professora Edu e professor Kaleb.

Camila reside em Valparaíso de Goiás e trabalha como cabeleireira e profissional do sexo. Há cerca de treze anos, ela mora sozinha em Valparaíso, embora tenha saído de casa ainda antes disso. A decisão de não morar mais com a família foi uma escolha pessoal, pois ela afirma que sempre recebeu apoio familiar e que sua saída não se deu por rejeição, mas sim para conquistar sua independência. Diferentemente, Danielle experienciou uma realidade distinta da Camila, pois, desde muito cedo, teve que deixar sua casa na Bahia para auxiliar sua numerosa família, que dependia profundamente de seu suporte para a sobrevivência. Danielle foi obrigada a se mudar jovem para morar com outras pessoas, atuando como empregada doméstica. Com o passar do tempo, ela acabou se tornando profissional do sexo, atualmente dedicando-se a essa área. Danielle está radicada em Valparaíso de Goiás, onde reside apenas com seu querido cachorrinho, Gael.

Emily é uma residente de Valparaíso e é considerada uma líder pelas travestis e mulheres trans da cidade. Ela é casada e vive em casa própria. Lá, ela acolhe travestis e mulheres trans que muitas vezes se encontram em situações vulneráveis. Com mais de quarenta anos de idade, ela deixou sua casa no norte do país quando era muito jovem, pois precisava ajudar a família e não conseguia encontrar emprego em sua região, devido ao início de sua transição. Por esse motivo, ela começou a trabalhar como profissional do sexo. Assim como a Emily, a Érika, atualmente à beira dos cinquenta anos, saiu de casa e tem uma história de vida extremamente difícil. Foi expulsa de casa entre os dez e doze anos de idade, vivendo nas ruas e sendo obrigada a se prostituir desde cedo. Nessa época, morava no Norte do país e, após três meses nas ruas, foi para São Paulo com uma amiga e, a partir daí, percorreu o país. Ela voltou a se conectar com os pais depois de muitos anos, mas, por ter sofrido tanto, não tem nenhuma vontade de retornar à sua cidade natal.

Dentre as professoras consultadas começo destacando a professora Jade Brandão. Ela é uma mulher trans que começou sua transição há pouco tempo, cerca de três anos. Durante esse período, ela já era uma professora muito eficiente e ativa na rede de ensino pública do Distrito Federal. Por esse motivo, ela enfrentou alguns desgastes, mas diante disso ela não se deixou abalar e fez questão de assegurar seu espaço, apresentando leis e criando slides para ensinar à gestão escolar e garantir seus direitos como uma pessoa transexual. Ao contrário do ocorrido com a Jade, a professora Érica Lopes iniciou sua transição fora do ambiente escolar aos dezoito anos. Atualmente, embora jovem, com apenas vinte e três anos, a docente conta que optou por começar a transição somente após deixar a escola, seguindo o conselho e apoio constante de



sua mãe, preocupada com possíveis reações transfóbicas no ambiente educacional. Apesar disso, ela revela que ainda se sentia julgada pelas pessoas como uma figura monstruosa sempre que precisava sair de casa.

Professora Edu Silva segue uma abordagem diferente das outras duas docentes mencionadas anteriormente. Ao longo da vida, ela tem passado por transformações, sempre, segundo ela, respeitando o seu próprio tempo. De acordo com ela, sua identidade como travesti tem sido construída gradualmente. Hodiernamente, ela exerce a função de coordenadora pedagógica. Além disso, ela complementa sua carga horária atuando como professora de língua estrangeira em um dos Centro Interescolar de Línguas da rede pública do Distrito Federal. Finalmente, o professor Kaleb Salgado foi o último a ser entrevistado, ele é um defensor fervoroso e tem um vasto conhecimento sobre as questões de gênero dissidentes. Atualmente, o docente é efetivo na rede pública municipal de Luziânia, cidade goiana onde ele foi acolhido há alguns meses após ter sido aprovado em um concurso público.

O processo de entrevista e acompanhamento de cada contribuinte foi essencial para esta pesquisa e a moldou. Sua estrutura foi baseada inteiramente na vivência de pessoas dissidentes de gênero e em suas particularidades dentro e fora do ambiente escolar. A disposição das individualidades entrevistadas e seu interesse em colaborar para a pesquisa foi significativo, impulsionando o desenvolvimento desta atividade.

Dessa maneira, a partir da participação das pessoas entrevistadas, esse artigo procurou discutir a visão emancipadora de Paulo Freire na escola, levando em consideração tanto as perspectivas das educadoras e do educador como das egressas trans-travestis. Neste contexto, as mencionadas e o mencionado serão o foco principal dessa pesquisa, que explora a relação entre estudantes e docentes. A intenção é trazer uma reflexão profunda a partir dos resultados alcançados com as entrevistas, as quais serviram de guia para a escrita.

## 2 Metodologia

Esta pesquisa inicia com uma abordagem qualitativa à pesquisa educacional, fundamentada em duas estratégias-chave de investigação: em primeiro lugar uma pesquisa envolvendo egressas da escola e docentes trans-travestis simultaneamente a um conjunto de entrevistas e outras ferramentas de diálogo, objetivando dar ênfase às suas vivências no âmbito do sistema escolar.

Na abordagem em questão, Flick (2009, p. 33) ressalta que a análise qualitativa se refere à investigação na qual quem pesquisa busca subjetivamente transformar a unidade percebida em um conceito, aprofundando-se no conhecimento dela para compreendê-la de maneira mais completa e indo além dos aspectos linguísticos e teóricos, com o objetivo de identificar sua relevância na prática social. Nesse contexto, o presente estudo buscou respeitar tal premissa estabelecida por Flick, uma vez que essa perspectiva é fundamental em sua abordagem central.

Além dessas perspectivas, foi dada ênfase à observação participante, que buscou perpassar todo o processo de elaboração da pesquisa. Essa abordagem registrou detalhadamente as minúcias e situações que constituíram o desenvolvimento da investigação. Ao adotar uma postura que se baseou em abordagens inspiradas nessa ferramenta, foi possível dedicar uma atenção especial a tudo o que de fato aconteceu desde o primeiro contato e acesso às travestis e mulheres trans, às profissionais e ao profissional da educação trans-travesti no “chão da escola” (Pereira, 2017, p. 150).

Nessa abordagem, conforme mencionado por Angrosino (2009, p. 33), a preocupação da figura que investiga é se aproximar dos sujeitos a serem estudados para estabelecer um certo



nível de intimidade durante a pesquisa de campo. Essa aproximação é essencial para a condução da observação participante, especialmente em contextos nos quais quem pesquisa precisa estar presente.

Com base nesse princípio, optou-se por manter a descrição, a confidencialidade e a privacidade das entrevistadas e do entrevistado. Nessa linha de raciocínio, antes de iniciar a atividade, considerou-se todas as perspectivas, peculiaridades e diretrizes por meio da leitura de um documento que orientava sobre a pesquisa e todos os aspectos relacionados à participação das pessoas envolvidas no projeto. Foi a partir dessa leitura detalhada e de uma conversa esclarecedora que se solicitaram as devidas autorizações, devidamente formalizadas com suas assinaturas.

Dessa forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com profissionais do magistério trans-travestis das redes municipais do entorno sul do DF e do Distrito Federal. O objetivo foi compreender suas experiências em sala de aula, assim como a trajetória que as e o levou a escolher a área da educação e tornar docentes. Para isso, foram coletadas e analisadas as respostas obtidas nas entrevistas.

Além disso, foram examinadas, conforme já explicitado anteriormente, as vivências educacionais mencionadas pelas quatro mulheres transexuais adultas egressas da escola, todas residentes no município de Valparaíso de Goiás. Para isso, foram utilizadas estratégias de interação, incluindo grupos de discussão, entrevistas narrativas e entrevistas semiestruturadas. Para localizar mulheres transexuais e travestis interessadas em compartilhar suas experiências no sistema educacional, foram estabelecidos diálogos em mídias sociais, entre entidades conhecidas, amigas e grupos de estudantes de mestrado e doutorado da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Destaco que, ao término das entrevistas, as pessoas participantes foram questionadas se preferiam que seus nomes verdadeiros fossem divulgados ou se desejavam o uso de denominações fictícias para garantir a confidencialidade. Cada uma optou por utilizar suas identidades reais. Em razão do interesse demonstrado, ao final das entrevistas, cada uma das figuras que colaborou assinou um termo autorizando a utilização de suas designações no resultado final da pesquisa.

De acordo com Flick (2009, p. 37), com o objetivo de garantir a confiabilidade da pesquisa, quando se utiliza a entrevista, quem pesquisa deve focar em quatro perspectivas fundamentais nessa abordagem metodológica. Nessa situação, a entidade investigadora deve se afastar de suas práticas e diretrizes, para evitar que elas interfiram em seus princípios. Além disso, deve permitir a troca de significados, experiências e conhecimentos entre os participantes, e também se colocar a partir da peça de estudo, para desenvolver a capacidade de questioná-la quando necessário.

### **3 Abrangências TRANS: trans-travestilidades na perspectiva libertadora**

Partindo do conceito de coletividade social oprimida e da identificação como trans-travesti, percebe-se que é responsabilidade da escola libertadora reconhecer as interconexões que existem entre essas identidades, especialmente diante das demandas dos movimentos relacionados às mulheres, aos movimentos feministas e ao movimento negro. De acordo com Aguião (2017, p. 10), não é possível separar essas questões, uma vez que nossa humanidade é diversa. Nesse sentido, não somos apenas travestis, mas também negras, mulheres, feministas, homossexuais. Isso evidencia que a interseccionalidade é necessária para que as percepções e os esforços dessas coletividades sejam bem-sucedidas, já que todas essas entidades socialmente



oprimidas têm pontos em comum no que diz respeito a questões e reivindicações legais para o reconhecimento de suas existências na sociedade.

Os corpos dissidentes de gênero são frequentemente reprimidos e prejudicados, sofrendo opressão e violência. No entanto, persistem contra todas as adversidades, continuando a existir e a ocupar cada vez mais espaços que antes eram negados. É nessa ótica que Paulo Freire estabeleceu uma educação libertadora, com o objetivo de destacar os corpos que são socialmente oprimidos e integrá-los ao ambiente escolar para que possam ter a oportunidade de se libertar e se humanizar naturalmente. Essa liberdade é buscada constantemente através do aprimoramento e da obtenção de conhecimento. Segundo Freire (2013, p. 81), “somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (Freire, 2013, p. 81).

Perante esta situação, é fundamental que a escola libertadora denuncie a escola que adota uma abordagem educativa bancária, em que a figura docente é a única detentora do conhecimento e tem a função de depositar esse conhecimento nas mentes das crianças. Esta escola está alinhada com uma perspectiva cis-heteropatriarcal que, como afirmado por Passos (2015, p. 314), defende as normas de gênero e também desempenha o papel de promover e reproduzir a cisgeneridade heteronormativa.

De acordo com Paulo Freire (2013, p. 33), sob essa ótica, uma instituição de ensino que suprime e rejeita a possibilidade de proximidade e companheirismo entre ensinante e estudante tem o potencial de desumanizar e oprimir. Tal opressão resulta na exclusão do diálogo, o qual Freire (2013 p. 80) considera essencial para uma educação voltada à libertação. Conforme suas palavras: “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

A pedagogia libertadora de Paulo Freire desempenha um papel essencial na formação de pessoas trans. O propósito da escola freiriana é, precisamente, humanizar, integrar e desenvolver o pensamento crítico, com base nas experiências vividas pelas massas inseridas nessas instituições de ensino. Isso é vital, pois inclui a população gênero discordante, cuja existência jamais seria permitida pela escola tradicional.

A escola libertadora freiriana tem como objetivo afastar-se do pensamento conservador da educação tradicional, que está ligada ao machismo do sistema patriarcal e cis-heteronormativo. Essa linha de pensamento enxerga as pessoas transgênero como monstruosas.

No estudo de Chabalgoity (2022, p. 63), é mencionado que o sistema opressor está construindo uma estrutura abrangente a partir de diferentes domínios, como sexo, gênero, raça, orientação sexual, classe e sexualidade. É a partir dessas coletividades dominadas que o dominador sobrevive; portanto, manter essas entidades sob controle é essencial para manter o sistema tal como está. Isso, por sua vez, acaba beneficiando o opressor e sua existência luxuosa. Do ponto de vista do opressor, há um grande temor de que corpos oprimidos se unam, pois essa união poderia desarticular toda uma hegemonia estabelecida há milênios.

Nesta perspectiva, surge a confirmação freiriana de que a classe dominante tem um grande interesse em dividir e subverter o restante da população. Seu objetivo é criar oposição entre as pessoas, incitando políticas de ódio e distanciando-as ainda mais, com a intenção de “dividir para manter a opressão” (Freire, 2013, p.136).

Na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder. Não se podem dar ao luxo de consentir na unificação das massas populares, que significaria, indiscutivelmente, uma séria ameaça à sua hegemonia (Freire, 2013, p 139).



Partindo dessa premissa, a interseccionalidade emerge como uma ferramenta essencial na luta contra a opressão hegemônica. Enfrentá-la de forma isolada não é suficiente para derrubar esse gigante milenarmente construído. É preciso reunir uma grande força e alianças robustas o bastante para desafiá-lo.

As razões de ser das lutas identitárias dos movimentos progressistas ensinam o caminho metodológico orgânico para que essa militância adentre criticamente à percepção estrutural de nossa sociedade. Que não se olvidem da luta (...) e se organizem coletivamente, (re)conhecendo em sua práxis que o colonialismo, o autoritarismo, e tantas outras formas de opressão trabalham pelo fechamento individualista, cooptando bandeiras, e jamais deixando de lutar contra todas as possibilidades de construção de sujeitos coletivos (Chabalgoity, 2022, p. 68).

Nesse sentido, os currículos escolares precisam ser submetidos a um processo estruturado de mudanças que capacitam estudantes a se tornarem existências críticas e capazes de se libertar de situações e unidades opressoras. De acordo com Santos e Almenara (2022, p. 93), essa transformação deve começar com a formação docente. Os programas de formação precisam incorporar práticas que preparem profissionais para orientar seus estudantes a trilharem o caminho da transgressão, seguindo o sentido freiriano, o que capacita estudantes a se tornarem mentes críticas, buscando e ansiando pela “cura e libertação de qualquer forma de opressão” (Santos; Almenara, 2022, p. 93).

Ao ingressarem no ambiente escolar, identidades trans, como a professora Jade, continuam se apoiando mutuamente com o objetivo de facilitar o acesso à educação para seus colegas. Isso ocorre principalmente porque aquelas pessoas trans-travestis que conseguiram se manter nesse ambiente compreendem a importância de se unir e expandir redes de apoio. Além disso, elas reconhecem as dificuldades enfrentadas ao longo de suas jornadas para chegar onde estão hoje, o que as impulsiona a tentar tornar o acesso mais confortável e menos desafiador para aquelas individualidades que estão chegando. Nessa perspectiva, a professora Jade afirmou estar desenvolvendo projetos com o objetivo de auxiliar dissidentes de gênero a obter acesso à educação. No entanto, ela frequentemente depara-se com a dura realidade enfrentada pela população trans-travesti, que é constantemente atacada pelo sistema.

Cheguei a oferecer às cafetinas aulas gratuitas no pensionato. No entanto, por que elas se interessariam em aprender um novo idioma, considerando a difícil realidade em que estão inseridas, onde é preciso estar nas ruas para garantir a própria sobrevivência. Devido ao tempo e necessidade de se manter, elas não puderam. Em outras palavras, concordo plenamente que é muito mais prático estar abrigado em uma pensão, desfrutando de café da manhã e almoço, tendo uma cama e acesso a banheiro, mesmo que isso signifique ser explorado (Jade Brandão, entrevista pessoal concedida no dia 29 de junho de 2023, em Riacho Fundo, Distrito Federal).

Com base nessa visão, professora Edu tem elaborado programas para apoiar a comunidade transgênero. Considerando a escassez de apoio nos ambientes escolares e as dificuldades que essa população enfrenta para acessar o ensino superior, fica evidente que existências trans-travestis têm sofrido há muito tempo. É por esse motivo que essa população continua sentindo-se marginalizada e negligenciada, sem poder desfrutar das mesmas oportunidades que a população cisgênero.

É o meu sonho desde quando eu fui estudante de doutorado, tenho um grande desejo de criar um curso preparatório pré-vestibular, pré-Enem, pré qualquer coisa direcionada exclusivamente para a comunidade T. Matemática, física, inglês... enfim, focada apenas nessa população. Um dos meus planos é começar com um pré-



vestibular voltado para a graduação e, talvez, expandir para concursos, a fim de proporcionar às mulheres trans, travestis e pessoas transgênero acesso a esses espaços. Este é um sonho, um sonho que almejo realizar (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023, em Guará, Distrito Federal).

Diante disso, a pedagogia libertadora de Paulo Freire se alinha com as propostas apresentadas por Edu e Jade, no sentido de possibilitar a educação a partir das experiências da pessoa oprimida, com o objetivo de desafiar o sistema opressor e incluir a população trans-travesti e outras camadas sociais que historicamente foram exploradas e abandonadas pela sociedade dominante. Isso ressalta a importância de uma educação baseada nas vivências da coletividade, tratando os desiguais de forma justa e, com base nisso, oferecendo a essas figuras sociais tudo o que foi tirado delas ao longo de séculos.

Eu diria que a pessoa deveria começar por buscar indivíduos semelhantes, porque às vezes nos sentimos sozinhos, mas na verdade nunca estamos sozinhos. Portanto, não é justo nos deixarmos levar pela lógica cisgênera. Por esse motivo, a mensagem que eu transmitiria a essa pessoa seria a seguinte: “Busque por indivíduos semelhantes a você e não perca a motivação, pois tenho plena convicção de que você possui um talento extraordinário e único” (Kaleb Salgado, entrevista pessoal concedida no dia 13 de julho de 2023, em Brasília, Distrito Federal).

Seguindo a mesma perspectiva abordada por Kaleb e pelas educadoras, que busca criar laços de apoio educacional e psicológico para individualidades dissidentes de gênero, Passos (2022, p. 106) destaca a importância da união de corpos trans-travestis no ambiente educativo e elogia três novas tendências que rompem com as normas opressivas, colaborando com seus pares. Como afirma o professor Kaleb, isso resulta em uma educação inovadora, inspirada nos movimentos transexuais. Passos (2022, p. 106) ainda ressalta que essas tendências, desenvolvidas por Marina Reidel, Adriana Sales e Thiffany Odara, indicam as práticas pedagógicas do futuro e podem desempenhar um papel fundamental na inclusão política e social das singularidades dissidentes de gênero.

Marina Reidel propõe uma Pedagogia do Salto Alto, Adriana Sales reivindica Pedagogias e Currículos Queer e Thiffany Odara anuncia uma Pedagogia da Desobediência. Embora sejam elaborações teórico-práticas que possuem traços constitutivos singulares, todas partem dos pontos de vista da população de travestis e transexuais brasileiras (Passos, 2022, p. 106-107).

Com base nos três padrões mencionados, Passos (2022, p. 107) expressa sua satisfação e valorização dessas bases sólidas formadas por identidades alinhadas com a causa trans. Dessa maneira, ela as denomina de “Pedagogias das Travestilidades”, já que ambas surgem das experiências, necessidades e perspectivas de estudantes, docentes e pessoas trans-travestis que passaram pelas escolas. Segundo Passos, essas abordagens pedagógicas têm o compromisso de desmantelar a opressão social autoritária que continua afetando corpos que divergem das normas de gênero.

Passos (2022, p. 101) enfatiza que a erradicação das práticas opressivas garante uma educação que revitaliza o entendimento da população transgênero e evita seu banimento e exposição a atos transfóbicos adotados por escolas brasileiras. Essa exposição tem o intuito de promover um diálogo crítico e evidenciar a necessidade, como mencionado por Odara (2020 p. 106), de “desaprender para aprender”. A partir dessa perspectiva, são propostas ações transformadoras que buscam descolonizar o sistema educacional e, dessa forma, verdadeiramente eliminar as pedagogias desumanizadoras que têm prejudicado a educação no Brasil.



A atenção principal das Pedagogias das Travestilidades, de acordo com Passos (2022 p. 27), é proporcionar uma “libertação coletiva” para corpos que desafiam as normas de gênero, abrangendo também as interseccionalidades, como identidade de gênero, idade, sexualidade, raça, classe social, etnia, região, religião e outros marcadores sociais.

Adiciona-se que Passos (2022, p. 108) descreve as Pedagogias das Travestilidades como práticas educacionais afirmativas que [...] se apresentam como uma educação que causa “desequilíbrio” (Pedagogia do Salto Alto), “estranhezas” (Pedagogia Queer) e “desobediência” (Pedagogia da Desobediência) frente à ordem estabelecida (Passos, 2022, p. 108).

As Pedagogias das Travestilidades requerem, acima de tudo, uma abordagem reflexiva seguida de ação. Sua premissa é desenvolver o pensamento crítico e transformador nesse ambiente escolar que tem sido historicamente prejudicado por uma educação controlada por uma parte privilegiada da sociedade exploradora.

No entanto, ao incluir professoras e professores trans no ambiente escolar, essa crítica e denúncia se tornam mais visíveis, pois essas figuras docentes revelam todas essas peculiaridades apenas com suas presenças em suas práticas. Além disso, como destacado por cada uma dessas profissionais e pelo professor, suas abordagens têm sido baseadas na disseminação da cultura LGBTQIA+ e na exposição das características dessa coletividade social frequentemente marginalizada e ridicularizada pela elite. Desta forma, contornando o currículo e suas estruturas cis-heteropatriarcais, essas entidades profissionais têm aproveitado as oportunidades oferecidas pelo currículo real e oculto, explorando temas transversais relacionados a questões de sexo, sexualidade, gênero, raça e classe. Assim, eles encontram uma plataforma para discutir as experiências de pessoas trans-travestis de maneira confortável e crítica.

A cada semestre, eu faço assim: solicito que eles façam pesquisas, por exemplo, sobre diversidade de gênero, e aqueles que escolherem esse tópico irão trabalhar questões como a diferença entre pessoas cisgênero e pessoas transgênero, seus significados e siglas. Além disso, temos um tópico que trata da “Identidade de Gênero e Diversidade Sexual”. Nele, estão inclusos temas como pessoas transgêneros, cisgêneros, héteros e intersexuais, assim como os direitos da comunidade LGBT no Brasil, temas que considero extremamente relevantes para pesquisa (Jade Brandão, entrevista pessoal concedida no dia 29 de junho de 2023, em Riacho Fundo, Distrito Federal).

Com base nas ideias apresentadas pela professora Jade, é crucial incorporar conteúdos que promovam a compreensão e aceitação da diversidade LGBTQIA+, a qual ainda enfrenta exclusão social contínua. Cabe, dessa forma, a profissionais LGBTQIA+ romper com esse ciclo de exclusão, a fim de evitar contribuir involuntariamente com a invisibilidade dessa comunidade. Alinhado a essa luta, o professor Kaleb compartilha de uma visão semelhante à exposta por Jade. Ele reconhece a lacuna da BNCC ao não contemplar as questões relacionadas às populações mais marginalizadas e ressalta a importância de entidades educadoras abordarem tais temas de maneira abrangente e consistente, a fim de promover efetivamente a conscientização sobre essa questão.

Ao adotar estratégias eficazes para abordar questões relacionadas a pessoas trans-travestis, é possível estabelecer conexões positivas e significativas que contribuem para a aceitação e reconhecimento desse grupo. Dessa forma, ao promover atividades dinâmicas que valorizam a cultura LGBTQIA+, o professor Kaleb proporcionou aos estudantes uma nova perspectiva em relação à humanidade dessa comunidade, que muitas vezes é marginalizada. Essas iniciativas têm o potencial de desafiar ideias preestabelecidas e normas sociais arraigadas.

Além disso, é essencial para profissionais da educação aproveitar as oportunidades e a variedade de maneiras de enriquecer diversos conteúdos para combinar o que já está presente nos currículos nacionais com questões trans-travesti. Dessa forma, ao abordar de forma





inteligente temas que já fazem parte do sistema, a liderança docente conseguirá lidar com essas questões de forma hábil e sem distorções. A professora Érica exemplificou sua prática docente ao mencionar que costuma utilizar sua disciplina e os conteúdos da BNCC para integrar questões LGBTQIA+ e conscientizar seus estudantes sobre a transfobia e homofobia. Segundo ela destacou, essa abordagem educacional visa promover especificamente o respeito à diversidade.

Trabalho com ciências que me trazem um pouco mais de alegria no que diz respeito a gênero e sexualidade, principalmente no oitavo ano, porque é quando abordamos a questão da puberdade, da sexualidade. Tudo isso está no currículo. Portanto, é algo com que me sinto confortável em falar. A questão LGBT também precisa ser abordada. É uma necessidade urgente (Érica Lopes, entrevista pessoal concedida no dia 14 de junho de 2023 em Cidade Ocidental, Goiás).

A presença das personalidades trans nas escolas é fundamental para mostrar ao sistema que esses corpos persistem e não desistirão de ocupar os espaços que lhes pertencem. Tanto na posição de docente quanto de estudante, é evidente que, mesmo quando o ambiente educacional tenta excluir essas pessoas, elas, em um ato de resistência, procuram reconquistar seu lugar mesmo depois de anos. Isso foi o que aconteceu tanto com a Emily quanto com a Danielle, que retornaram ao ambiente escolar após algum tempo, agora em um contexto mais inclusivo, já que optaram por frequentar a Educação de Jovens e Adultos. Apesar de ainda conter vestígios do antigo modelo bancário, essa modalidade tem adotado princípios inspirados em Freire, que valorizam a vida e os processos de aprendizado daquelas que optam por retornar a um contexto do qual nunca deveriam ter sido expulsas.

O processo de reingresso após a exclusão ocorreu de maneira cautelosa, principalmente devido às experiências adversas vivenciadas nas escolas. A desconfiança e o receio de enfrentar problemas semelhantes acabaram por atrasar o retorno dessas coletividades ou até mesmo levaram muitas delas a desistir completamente, como aconteceu com Érika, que afirma ter perdido completamente a vontade de voltar à escola.

As coisas eram bem diferentes. Eu era bastante ignorante e a única coisa que sempre repito para as meninas atualmente é a importância de estudar. Hoje em dia existem tantas oportunidades. Lamento não ter estudado, mas se tivesse a chance de voltar atrás, teria sim me dedicado aos estudos. Teria obedecido meus pais, entre aspas, já que eles também me expulsaram de casa muito cedo, e eu também os culpo um pouco por isso. Agora, eu admito, hoje em dia não tenho mais interesse nisso (Érika Ruffeil, entrevista pessoal concedida no dia 12 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

O ponto de vista da Érika é compreensível e deve ser um dos tópicos discutidos nas salas de aula brasileiras. É importante debater constantemente as causas que levam a população transgênero a abandonarem a escola, uma vez que é do interesse da sociedade oprimida repensar estratégias para evitar que isso continue acontecendo. Os traumas vividos por Érika foram profundos e retornar a um ambiente tão cruel requer um esforço extra. Diferentemente da Érika, Danielle, durante seu discurso, mencionou o medo que sentia ao adentrar um espaço que não frequentava há muito tempo. No entanto, com a insistência de algumas amigas, ela decidiu retornar.

Entre mil novecentos e noventa e sete, mil novecentos e noventa e oito ou mil novecentos e noventa e nove, decidi ir trabalhar como acompanhante. Abandonei os estudos por conta disso. Com o passar dos anos, em dois mil e oito, fui morar na Asa Sul. Nesse ano, uma amiga decidiu morar comigo e, determinada a estudar, ela me chamou para acompanhá-la nos estudos. Então, eu fui. Cheguei lá, me matriculei e



estudei. E aí, pronto! Peguei, fui, concluí (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Émily teve uma vivência muito similar à de Danielle. Ela ressaltou ter passado por diversas situações ao longo de sua existência. Mesmo que essas experiências tenham sido fundamentais para sua sobrevivência, muitas delas a afastaram da escola. Apesar de interromper seus estudos precocemente, a tentativa da sociedade de excluí-la do ambiente escolar não foi suficiente para impedi-la de retornar e se manter distante do processo educativo para sempre.

Saí de casa muito jovem, aos 16 anos de idade. Hoje vivo em Valparaíso de Goiás. Eu nasci em Porto Velho, Rondônia, a 2600 km daqui. Minha jornada foi pedindo carona na estrada. Vivenciei uma vida nômade, de cidade em cidade lutando para sobreviver. Naquela época, eu estudava à noite e frequentava um local próximo à prostituição na minha cidade, onde uma travesti trabalhava. Foi assim que com o tempo desisti dos estudos e devido à falta de emprego por causa da transição acabei estabelecendo uma amizade com ela. Assim iniciei o trabalho como profissional do sexo. (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Até os dias de hoje, a maioria das identidades trans-travestis no Brasil enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho formal, levando muitas delas a recorrerem à prostituição como única fonte de renda. A história de Émily não foi diferente, mas ela só conseguiu mudar essa realidade ao retornar aos estudos e realizar cursos na área de beleza e estética. Mesmo que tenha demorado para voltar à escola, Émily reconheceu a importância da educação e tomou a iniciativa de se matricular e retomar os estudos. Assim, ao retornar à sua experiência educacional, ela estava inicialmente assustada, porém, rapidamente, assim como Danielle, acabou realmente desfrutando de uma tranquilidade ao voltar a estudar no ensino médio por meio da modalidade Educação de Jovens e Adultos, em uma escola pública do Distrito Federal. Ela observou que a maioria dos presentes eram figuras adultas, que eram mais maduros e preparados para lidar com as diferenças, o que contribuiu para essa experiência mais serena.

A situação era bem mais favorável, pois, através do meu ingresso na EJA, eu frequentava aulas com pessoas mais maduras. Eu estava lá para estudar, para terminar meus estudos, pois na minha adolescência eu não possuía a mesma maturidade que possuo hoje. Então percebi a necessidade de concluir meus estudos e adquirir uma qualificação profissional, pois sentia vergonha de chegar a um lugar e precisar mentir acerca da minha profissão. Foi assim que consegui concluir meus estudos e hoje posso dizer com orgulho que tenho minha profissão. Sou formada na área de imagem pessoal, que abrange o campo da beleza. Sinto-me orgulhosa por ter chegado onde estou e considero-me privilegiada (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Retornar ao estudo da educação básica foi um desafio intimidador para Danielle e Emily. No entanto, elas não se renderam ao sistema e perseveraram até o final. Com sua persistência, conseguiram até mesmo ganhar o respeito de algumas pessoas, incluindo algumas referências docentes que as encorajaram a concluir essa fase de seus estudos. Isso indica que, embora a sociedade ainda insista em marginalizar pessoas trans-travestis, é evidente que uma parte da humanidade está se afastando das atitudes opressivas e abraçando a comunidade oprimida. Essa comunidade ainda enfrenta a hostilidade de uma parcela enfurecida da sociedade, mas é apoiada por quem, até recentemente, não tinham coragem de se manifestar em favor e se unir à causa trans.



Nossa, lembro-me de uma professora de inglês, cujo nome não me recordo, mas eu costumava ter notas boas nessa matéria. Ela realmente me motivava muito no estudo do inglês. E não era apenas ela, havia várias pessoas que me incentivavam. Muitos deles me encorajaram a concluir um curso, como se dizia: “Não, Dani, termina. Vai, faça um curso”. Nossa! Todos eles me impulsionaram a buscar a conclusão (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Dentro desse cenário, Emily apresentou uma visão bastante similar à de Danielle. De acordo com ela, teve profissionais da educação inesquecíveis que fizeram parte de sua trajetória escolar. Emily destacou que a presença dessas referências em ensino foi crucial para que ela seguisse em frente no processo de aprendizagem e adquirisse conhecimentos essenciais de forma natural.

Eu tive a sorte de cruzar com professores incríveis durante minha jornada escolar. Eles não apenas compartilharam seus conhecimentos comigo, mas também me protegeram no ambiente escolar. Com toda a certeza, posso afirmar que tive o privilégio de ter professores maravilhosos que fizeram parte da minha trajetória educacional (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

O envolvimento de figuras pedagógicas libertadoras é de extrema importância para garantir a continuidade e sucesso da educação de estudantes dissidentes de gênero. De acordo com Freire (2005, p. 36), o comprometimento de docentes em afastar-se de comportamentos discriminatórios é essencial para evitar que a prática docente caia no absurdo e na falta de sensibilidade.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam negros, dos que inferiorizam as mulheres (Freire, 2005, p. 36).

Nesse sentido, as estudantes Emily e Danielle tiveram a sorte de vivenciar, em algum momento de sua jornada escolar, a presença de figuras profissionais libertadoras e dedicadas em suas práticas. A influência dessas individualidades docentes foi essencial para que ambas pudessem concluir seus estudos básicos e se sentirem respeitadas e valorizadas em um ambiente que frequentemente estigmatiza pessoas trans-travestis, tratando-as como seres anormais.

A escola libertadora visa acolher a população oprimida e, portanto, é essencial que as instituições de ensino promovam a diversidade, adotando uma abordagem educacional plural. Nesse sentido, professora Edu estimula a capacitação docente para que estas entidades sejam capazes de compreender as particularidades das pessoas gênero-divergentes, a fim de acolher essa população de forma especializada e benevolente.

Em primeiro lugar, é fundamental que haja uma capacitação adequada para os professores, visando lidar com diversas situações dentro da escola, não se restringindo apenas à questão da transexualidade, mas também abordando a diversidade de orientação sexual. É importante fornecer recursos como uma cartilha, e-book ou curso de formação, que capacitem os professores não somente em termos de terminologia a ser utilizada ou evitada, mas também no sentido de promover um ambiente acolhedor e saber como lidar com tais situações (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023 em Guará, Distrito Federal).

A abordagem de professora Edu tem como base a concepção freiriana, que valoriza a experiência das pessoas que fazem parte do ambiente escolar com o objetivo de tornar a sala de



aula mais contextualizada e, assim, mais séria e significativa. Criar uma instituição educacional acolhedora é totalmente viável e depende, principalmente, da desconstrução da gestão, permitindo a realização de formações que abordem questões como sexo, sexualidade, gênero e outros temas interseccionais.

Nesse contexto, as egressas da escola também compartilham suas perspectivas sobre a escola contemporânea e ressaltam a importância de abraçar coletividades marginalizadas e a população trans-travesti. Essa visão engloba a necessidade de profissionais da educação cuidarem de suas e seus estudantes, com o objetivo de tornar as instituições de ensino mais inclusivas. A perspectiva da escola contemporânea, sob a ótica dessas egressas da escola, revela um panorama promissor em relação ao passado vivido por elas nos finais do século XX e início do século XXI. Embora algumas mantenham uma visão otimista sobre a educação atual, outras entendem que pouco mudou e que a escola ainda precisa percorrer um longo caminho para alcançar uma educação mais respeitosa e diversificada.

Assim, com o objetivo de promover uma educação mais igualitária, Danielle propõe a realização de capacitações que permitam a profissionais compreenderem de forma mais aprofundada as questões relacionadas às diversidades de gênero, ao uso de pronomes e nomes sociais.

Tenho percebido, não apenas na escola, mas em todos os lugares que visito, que a maioria trata as pessoas como se fossem do gênero masculino, mesmo quando estão vestidas e apresentam-se como mulheres. Por isso, sugiro a realização de capacitação para discutir essa questão. É crucial ensinar como tratar uma pessoa trans, pois considero desnecessário e até ridículo ver uma figura feminina sendo referida como homem. Acredito que uma formação para debater esse assunto seria positiva, uma vez que a sociedade já evoluiu nesse aspecto. Embora o preconceito ainda exista, hoje em dia estamos bem melhor do que há trinta anos atrás. As coisas progrediram bastante, mas ainda há muito espaço para melhorias (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 05 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

De acordo com o ponto de vista exposto por Danielle, Émily também ressalta que a escola passou por algumas melhorias, porém muitas dessas mudanças ocorreram devido à implementação de leis específicas para promover relações sociais mais acolhedoras. Contudo, para Émily, sem essas leis, as situações enfrentadas pela população trans-travesti não teriam sido abordadas. Em sua opinião, a escola ainda precisa passar por grandes transformações, uma vez que, apesar das alterações realizadas, ainda há um número significativo de pessoas restringidas por preconceitos, levando-as a discriminar quem não se enquadra nos padrões de gênero estabelecidos.

Foi após um longo tempo que retornei à escola, desde então, muitas coisas mudaram. No entanto, ainda há muito a melhorar. Acredito que seja só um começo para um futuro melhor, pois ainda existe grande desigualdade. Muitas coisas nas escolas são feitas devido a certas leis existentes, pois, caso contrário, as pessoas ainda estariam presas a mentalidades preconceituosas. Se a escola for capaz de aprender e os professores puderem ensinar de maneira mais eficiente, os alunos certamente obterão um aprendizado de qualidade (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

A fala das egressas foi otimista ao mostrar que hoje já temos uma educação mais inclusiva, destacando também que, se essa educação fornecer uma formação sólida para docentes e estudantes, teremos sucesso em interromper práticas preconceituosas. Além disso, todas concordam que as escolas atuais são mais respeitosas e passaram por mudanças significativas nos últimos dez anos. No entanto, é inegável para todas elas que esse ambiente ainda precisa passar por muitas transformações para se tornar um lugar efetivamente confortável e seguro para pessoas trans-travestis.



De acordo com a perspectiva mencionada, Andrade (2015, p. 312) destaca que estudantes e profissionais da educação dissidentes de gênero coexistem no ambiente educacional, em um contexto que oscila entre a persistência e, em alguns momentos, a submissão às ordens dos seus superiores a fim de permanecerem nesse local. Segundo Andrade (2015, p. 314), essa dinâmica impulsiona o surgimento de uma cultura urbana capaz de transformar práticas tanto nas interações cotidianas, quanto na vida profissional e familiar dessas partes discentes e docentes. Como resultado, essas formas de resistência são essenciais e têm sido o foco central para as mudanças em curso nas escolas atualmente.

#### **4 Considerações**

Neste estudo, foi investigada a maneira como a educação libertadora pode transformar a prática em sala de aula no que tange as relações de estudantes e docentes com a população trans-travesti, assim como a percepção dessa população dentro do contexto educacional e social. O objetivo foi compreender por que coletividades opressoras, especialmente em ambientes educacionais, têm posturas hostis em relação às pessoas dissidentes de gênero, contribuindo para a desumanização não apenas delas, mas também de outras comunidades oprimidas. Essa questão resulta em práticas discriminatórias, levando entidades trans-travestis e outras populações oprimidas a se sentirem excluídas de diversos ambientes educacionais, como escolas e instituições de ensino em geral.

Nessa premissa, a pesquisa permitiu identificar o percurso educacional das pessoas dissidentes de gênero, abrindo portas para diversas perspectivas essenciais visando à inclusão efetiva e diversificada das classes oprimidas. Para isso, a sociedade, em particular as identidades da área da educação, necessita de capacitação e conscientização. Desta maneira, para efetivamente concretizar essa situação, é importante identificar alternativas viáveis, seja por meio de eventos específicos, pela divulgação de notícias e programas de entretenimento na mídia que propaguem informações relevantes sobre a comunidade de pessoas trans, ou pela efetiva implementação e fiscalização das leis pelas autoridades responsáveis. Tornar factível e efetivo tais ações são cruciais e podem garantir a plena inclusão da população trans-travesti em todos os aspectos da sociedade.

Diante disso, para um aprofundamento acerca desse debate, é relevante explorar a análise das diferentes abordagens pedagógicas, como a freiriana, seja realizando uma comparação entre as correntes mais conservadoras e as mais progressistas, seja optando por uma delas em um contexto específico. É importante destacar que, para que uma pesquisa que adote esse enfoque contribua efetivamente para a investigação, ela deve considerar as perspectivas das pessoas dissidentes de gênero, a fim de amplificar as ideias e posicionamentos das mentes que criaram essas correntes pedagógicas e como incluem essa população em suas práticas educacionais.

Além disso, é crucial estender a discussão com base em pensadores e pensadoras trans-travestis. A perspectiva dessas pessoas e a aplicação de seus conhecimentos na educação do Brasil podem gerar uma pesquisa de extrema importância para a área educacional do país. Nesse sentido, abordar as propostas pedagógicas de Marina Reidel, Adriana Sales e Thiffany Odara, por exemplo, pode ser essencial para o desenvolvimento educacional da população trans. Além disso, essa abordagem pode ser enriquecida pelo trabalho realizado por Maria Clara Araujo dos Passos em 2022, que apresenta essa visão sobre as pedagogias das travestilidades.

A implementação precisa ocorrer a partir dos estudos já realizados e propondo novas abordagens que busquem garantir uma educação de qualidade para a população trans. Além disso, é necessário oferecer um ensino mais abrangente, que inclua de forma completa todas as



pessoas em situações semelhantes, como proposto por Freire em sua pedagogia do oprimido. É fundamental que todas as visões já existentes sejam integradas ao processo educacional, alinhando-se com as demandas atuais e os desafios do presente.

É por isso que é importante analisar de maneira abrangente as propostas pedagógicas das pensadoras trans e a análise que localiza a pedagogia das travestilidades, seja integrando os ensinamentos da pedagogia do oprimido de Freire ou apresentando uma nova abordagem genuína. Assim, em qualquer circunstância, é fundamental buscar diferentes possibilidades para tornar nossas escolas mais progressistas, críticas e capazes de criar um ambiente verdadeiramente diversificado e democrático.

Melhorar a qualidade da educação para todas e todos é uma responsabilidade de cada um, pois, quando figuras específicas de estudantes não são respeitadas em sua individualidade, torna-se difícil proporcionar um ensino de excelência. Nesses casos, as escolas acabam favorecendo apenas uma parcela da sociedade, excluindo a outra e tornando a experiência das individualidades excluídas dolorosa, o que pode levá-las a se afastarem do ambiente escolar, de forma direta ou indireta.

É importante persistir e confrontar o sistema opressor e seus preconceitos, a fim de viabilizar a concretização dessas premissas. Dessa forma, as pessoas trans e travestis poderão conquistar a tão desejada inclusão social, que tem avançado com a introdução de novos conceitos e práticas no meio educacional. Diante desse cenário, mesmo defronte a enormes desafios que por vezes parecem intransponíveis, é fundamental que entidades aliadas e a comunidade trans-travesti permaneçam firmes, pois, apesar da dificuldade, é viável seguir adiante com essa mudança e concretizá-la.

## Referências

AGUIAO, Silvia. Quais políticas, quais sujeitos? Sentidos da promoção da igualdade de gênero e raça no Brasil (2003 - 2015). **Cad. Pagu**, Campinas, n. 51, e175107, 2017.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na Escola: Assujeitamento e Resistência à Ordem Normativa**. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia Editora, 2015.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138p.

CHABALGOITY, Diego. Aprendendo a subverter: reflexões de inspiração freiriana sobre lutas identitárias e formação de sujeitos coletivos. *In: OLIVEIRA, Fábio A. G.; INSTFRAN, Fernanda. **Aprendendo a Transgredir diálogos a partir de Bell Hooks e Paulo Freire***. Rio de Janeiro: Ape'Ku editora, 2022.

FLICK, Uwe. 2009. **Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre; Artmed; 2009. 196 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013.



ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. São Paulo: Editora Devires, 2020.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogia das Travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 128 p. ISBN 978-65-5802-074-5.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, [S.l.], v. 23, n. 49, p. 149-176, set. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/W9zgrV5qYHM5qgYqSbWZZLf/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SANTOS, Rosiane de Oliveira da Fonseca e ALMENARA, Késia da Silva Ferreira. Professores ou educadores: o currículo vivenciado na perspectiva da educação emancipatória. *In*: OLIVEIRA, Fábrio A. G.; INSTFRAN, Fernanda. **Aprendendo a Transgredir diálogos a partir de Bell Hooks e Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Ape’Ku editora, 2022.

